

Jornada em direção às origens

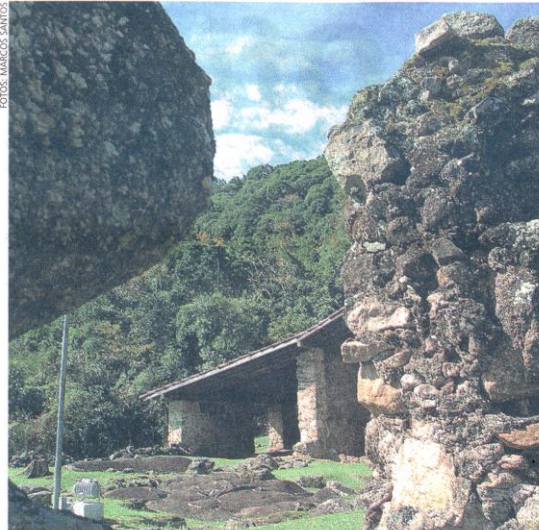
Projetado da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU) da USP vai, em breve, proporcionar cor e som a importantes vestígios das primeiras décadas da colonização. Ele abrange a construção de uma torre de observação com passarelas, além da instalação de recursos de projeção, no sítio arqueológico Ruínas São Jorge dos Erasmos, que abriga os restos de um dos primeiros engenhos de açúcar do Brasil-Colônia, construído em 1534. A proposta da iniciativa é democratizar o patrimônio e revitalizar espaços fundamentais da época da colonização, caso do engenho de açúcar, e também de outros locais da Baixada Santista, como o Porto de Santos.

USP dá início a projeto para revitalizar patrimônios históricos da Baixada Santista, entre os quais o Engenho de São Jorge dos Erasmos, um dos primeiros do Brasil

"Este projeto impulsionará o desenvolvimento e a cultura na zona noroeste de Santos, região periférica e pouco assistida socialmente", espera a diretora das Ruínas do Engenho, Vera Lúcia Amaral Ferlini, professora de História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP. Segundo ela, a revitalização do entorno se dará por meio de projetos científicos e culturais e atividades educativas.

O sítio arqueológico, considerado monumento nacional, está sob responsabilidade da USP desde 1958, com vistas à preservação e pesquisas. Em 2004, tornou-se ainda um polo de programas educacionais, que buscam difundir conhecimento a partir do cruzamento de várias ciências e tendo por base os contextos histórico, geográfico, arqueológico, social e ambiental em que as ruínas estão inseridas.

O incremento à visitação acontecerá com o patrocínio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Atualmente, o projeto está na fase da liberação dos recursos, estimados em R\$ 3,3 milhões, e não há data prevista para a conclusão da obra. Os investimentos foram calculados para garantir, também, a infraestrutura de um programa de projeções audiovisuais mapeadas, com trilhas musicais e paisagens sincronizadas, sobre os remanescentes arquitetônicos do engenho,



Engenho dos Erasmos mostra a diferença de São Paulo no contexto açucareiro nacional

além de bolsas para pesquisa e projetos de extensão e cultura.

Segundo Vera Lúcia, sem os recursos não seria possível aumentar o número de visitantes (de 10 mil ao ano) por causa das limitações do local. "Isso porque se trata de um sítio arqueológico, que precisa ser preservado. As passarelas possibilitarão ampliar o volume de visitas sem comprometer o terreno, além de permitirem que o trabalho arqueológico seja retomado", ressalta a professora.

Açúcar e esqueletos – O engenho de açúcar foi fundado pelo próprio donatário da Capitania de São Vicente e um dos pioneiros da colonização, Martin Afonso de Souza, em 1534. Mais tarde, em 1540, o então Engenho do Senhor Governador foi comprado por Erasmus Schetz, um alemão estabelecido em Flandres, que atuava como comerciante e bancário na Europa. Mesmo estabelecido na Bélgica, ele plantava e transformava a cana no Brasil, transportando o produto para refino na Antuérpia.

Da construção, localizada próxima ao canal do Rio São Jorge, no Morro da Caneleira, atual Vila São Jorge, em Santos, sobraram paredes de alvenaria de pedra e cal, muros de contenção e alicerces. As primeiras prospecções arqueológicas foram realizadas em 1966, pela professora Margarida Andreatta, pesquisadora do Museu Paulista. Ela mapeou restos de louça, faiança, vidros e metais.

A pesquisa prosseguiu com os trabalhos do professor José Luiz de Moraes, do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da USP. A escavação comandada por ele entre 2002 e 2003 revelou um cemitério destinado aos trabalhadores do engenho, no qual havia 19

esqueletos: 18 com características indígenas e um com traços negroides.

Enterrados conforme diferentes ritos funerários, as ossadas revelaram um sincretismo religioso e hibridismo cultural fortes. Segundo o historiador Victor Lordani Geampaulo, que acaba de realizar análise historiográfica a respeito do cemitério e seu contexto, de algum modo esses aspectos representaram resistências culturais num conflituoso ambiente de contato social e cultural. Sua dissertação de mestrado, intitulada *Engenho dos Erasmos: Aproximações acerca da morte e da vida no complexo açucareiro vicentino (séculos 16 e 17)*, foi recém-apresentada na FFLCH e está disponível na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (www.teses.usp.br).

"O trabalho científico no sítio arqueológico do engenho e proximidades está apenas engatinhando. Ainda há muito por revelar e esperamos que o projeto financiado pelo BNDES dê novo fôlego às pesquisas no local", afirma a diretora do engenho.

Como parte das iniciativas de revitalização, o engenho recebeu, em dezembro, o 4º Seminário Internacional de História do Açúcar: Patrimônio, Economia e Sociedade. Promovido pela PRCEU, em parceria com a Cátedra Jaime Cortesão da USP e Instituto Camões, o evento reuniu especialistas de Portugal, Argentina, México, Cuba, Espanha, Estados Unidos e Bélgica.

"Não há ruínas semelhantes em todo o País. O engenho ocupa lugar fundamental na compreensão da história colonial do Brasil e mostra a diferença de São Paulo no contexto açucareiro brasileiro. É um ícone que merece ser estudado como tal", afirmou o professor José Jobson de Andrade Arruda, da FFLCH, durante o evento.

Imprensa Oficial – Conteúdo Editorial
Assessoria de Imprensa do Jornal da USP

SERVICO

Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos
Rua Alan Ciber Pinto, 96 – Santos
Aberta das 9 às 16h30
Contato para agendamento:
Telefone (13) 3203-3901 ou
E-mail ruinasengenho@usp.br
Visitas individuais ou em
grupos de até 45 pessoas



Projeto prevê a construção de torre de observação com passarelas no sítio arqueológico